

P. VERGILII MARONIS

GEORGICON

LIBER IV, 453-527*

P. VIRGÍLIO MARÃO

GEÓRGICAS

LIVRO IV, 453-527

Tradução:
Raul José Sozim **

Non te nullius exercent
numinis irae;
magna luis commissa: tibi has 455
miserabilis Orpheus
455 haudquamquam ob meritum
poenas, ni fata resistant,
suscitat et rapta grauiter pro
coniuge saeuit.
Illa quidem, dum te fugeret per
flumina praeceps,
immanem ante pedes hydrum 460
moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in
herba.
460 At chorus aequalis Dryadum
clamore supremos

Orfeu, infeliz sem haver
de modo algum merecido, a me-
nos que o destino se oponha,
ergue contra ti este castigo e te
maltrata duramente pela perda
da esposa. A verdade é que, en-
quanto fugia de ti, precipitando-
se ao longo do rio, a jovem já
destinada à morte não viu dian-
te de seus pés, em meio à alta
vegetação, a enorme serpente
d'água, habitante dessas mar-
gens. Então o coro das Dríades
coetâneas encheu, com seu
queixume, os montes mais al-
tos; choraram não só as colinas
do Ródope e o elevado Pangeo

* O texto latino de que nos servimos para esta tradução é, basicamente, o da Les Belles Lettres, edição de 1952.

** Universidade Estadual de Ponta Grossa.

implerunt montis; flerunt
 Rhodopeiae arces
 altaque Pangaea et Rhesi
 Mauortia tellus
 atque Getae atque Hebrus et
 Actias Orithyia. 465
 Ipse caua solans aegrum
 testudine amorem
 465 te, dulcis coniunx, te solo in
 litore secum,
 te ueniente die, te decedente
 canebat.
 Taenarias etiam fauces, 470
 alta ostia Ditis,
 et caligantem nigra formidine
 lucum
 ingressus Manisque adiit
 regemque tremendum
 470 nesciaque humanis precibus
 mansuescere corda.
 At cantu commotae Erebi de
 sedibus imis
 umbrae ibant tenues
 simulacraque luce carentum, 475
 quam multa in foliis auium se
 milia condunt,
 Vesper ubi aut hibernus agit de
 montibus imber,
 475 matres atque uiri defunctaque
 corpora uita
 magnanimum heroum, pueri
 innuptaeque puellae
 impositique rogis iuuenes ante
 ora parentum; 480

e a terra de Reso, sagrada a Mar-
 te, mas também os Getas, o
 Ebro e a Ática Oritia. E ele pró-
 prio, com sua cava lira, buscan-
 do consolar o desditoso amor,
 cantava para ti, doce esposa, só
 consigo na solitária praia, can-
 tava para ti, quando desponta-
 va o dia, quando o dia findava.

Penetrando até às gargan-
 tas do Tênaros, profunda entra-
 da de Plutão, bosque enevoado
 por pavorosa escuridão, vai ele
 ao encontro dos Manes, e de seu
 temível rei, e de seus corações
 que não sabem abrandar-se às
 preces humanas. No entanto,
 comovidas pelo canto, das pro-
 fundas moradias do Érebo sai-
 am diáfanas sombras e os si-
 mulacros dos seres privados da
 luz, tão numerosos quanto os
 milhares de pássaros que se
 ocultam nas folhagens à chega-
 da de Vésper ou quando uma
 fria chuva cai das montanhas:
 as mães, os maridos, e os cor-
 pos dos magnânimos heróis que
 concluíram o curso da vida, os
 jovens e as donzelas inuptas, e
 os meninos colocados sobre a
 pira ante os olhos de seus
 genitores. Ao redor de todos
 eles contorna um negro lamaçal,
 os disformes caniços do Cocito,
 e o odioso pântano com suas
 águas estagnantes, além do

quos circum limus niger et
 deformis harundo
 Cocyti tarda que palus
 inamabilis unda
 480 alligat et nouiens Styx interfusa
 coeracet.

 Quin ipsae stupuere domus
 atque intima Leti
 Tartara caeruleosque implexae
 crinibus angues 485
 Eumenides tenuitque inhians
 tria Cerberus ora
 atque Ixionii uento rota constitit
 orbis.
 485 Iamque pedem referens casus
 euaserat omnis
 redditaque Eurydice superas
 ueniebat ad auras 490
 pone sequens (namque hanc
 dederat Proserpina legem),
 cum subita incautum dementia
 cepit amantem,
 ignoscenda quidem, scirent si
 ignoscere Manes:
 490 restitit Eurydicenque suam iam
 luce sub ipsa
 immemor heu! uictusque animi
 respexit. Ibi omnis 495
 effusus labor atque immitis
 rupta tyranni
 foedera, terque fragor stagnis
 auditus Auerni.

Estige que os refreia por nove
 vezes com sua sinuosidade. Não
 só a própria moradia da Morte
 e o profundo Tártaro foram to-
 mados pela comoção, como
 também as Eumênides com seus
 cabelos entrelaçados por
 cerúleas serpentes; mesmo
 Cérbero, com suas três bocas,
 calou boquiaberto, e a roda do
 Ixião, com o vento, se deteve.

E já retornando, havia
 Orfeu superado todos os peri-
 gos, e a resgatada Eurídice vi-
 nha para os ares superiores se-
 guindo atrás (pois Proserpina
 havia estabelecido tal condi-
 ção), quando uma súbita insen-
 satez tomou conta do incauto
 amante, perdoável no entanto –
 se os Manes sabem perdoar!
 Parou e, no momento em que
 atingiam a luz, esquecido de
 tudo, ah! vencido pela paixão,
 volveu o olhar para a sua
 Eurídice. Nesse instante todo o
 esforço foi perdido e o pacto es-
 tabelecido com o cruel tirano
 rompeu-se; e por três vezes ou-
 viu-se um fragor nos pantanais
 do Averno. Ela, então: “Qual”,
 diz, “qual grande insensatez
 perdeu não só a mim, infeliz,
 como a ti, Orfeu? Eis que nova-
 mente os fados cruéis me cha-
 mam de volta e o sono da morte
 me cerra os olhos vacilantes. E

Illa: “Quis et me” inquit
 “miseram et te perdidit, Orpheu,
 495 quis tantus furor? En iterum
 crudelia retro 500
 fata uocant conditque natantia
 lumina somnus.
 Iamque uale: feror ingenti
 circumdata nocte
 inualidasque tibi tendens, heu!
 non tua, palmas.”
 Dixit et ex oculis subito, ceu
 fumus in auras
 500 commixtus tenuis, fugit diuersa,
 neque illum 505
 prensantem nequiquam umbras
 et multa uolentem
 dicere praeterea uidit; nec
 portitor Orci
 amplius obiectam passus
 transire paludem.
 Quid faceret? quo se rapta bis
 coniuge ferret?
 505 Quo fletu Manis, quae numina
 uoce moueret? 510
 Illa quidem Stygia nabat iam
 frigida cymba.
 Septem illum totos perhibent ex
 ordine mensis
 rupe sub aeria deserti ad
 Strymonis undam
 fleuisse et gelidis haec
 euoluisse sub antris 515
 510 mulcentem tigris et agentem
 carmine quercus.

agora, adeus: ah! já não mais
 tua, estendendo-te mãos impo-
 tentes, sou levada envolta pela
 imensa noite”. Disse e, fora de
 sua vista, subitamente, como
 uma fumaça se confunde com
 o ar, foge em direção oposta e,
 enquanto ele inutilmente se
 empenha em apoderar-se da
 sombra querendo dizer tantas
 coisas, ela não mais o vê; e nem
 o barqueiro do Orco permite
 mais atravessar o pântano que
 os separa. Que fazer? Para onde
 dirigir-se após a esposa lhe ter
 sido arrebatada duas vezes?
 Com que pranto comover os
 Manes? Quais divindades invo-
 car? Eurídice, no entanto, já frí-
 gida, vagueava na barca estígia.

Durante sete meses intei-
 ros, sem interrupção, dizem, aos
 pés de um alto rochedo, junto
 às margens do solitário
 Estrimão, ele chorou e revolveu
 essas vicissitudes sob os antros
 gelados, fascinando os tigres e,
 com seu canto, arrebatando os
 carvalhos. Qual Filomela, de-
 baixo da sombra de um chou-
 po, triste, deplora os filhotes
 perdidos, os quais um
 impiedoso lavrador, espreitan-
 do, arrebatou, implumes, do ni-
 nho; e assim ela chora à noite e,
 pousada sobre um ramo, reno-
 va o triste lamento e enche am-

Qualis populea maerens
 Philomela sub umbra
 amissos queritur fetus, quos
 durus arator
 obseruans nido implumis
 detraxit; at illa
 flet noctem, ramoque sedens
 miserabile carmen
 515 integrat et maestis late loca 520
 questibus implet.
 Nulla uenus, non ulli animum
 flexere hymenaei.
 Solus Hyperboreas glacies
 Tanaimque niualem
 aruaque Riphaeis numquam
 uiduata pruinis
 lustrabat, raptam Eurydicen
 atque inrita Ditis
 520 dona querens; spretae Ciconum
 quo munere matres
 inter sacra deum nocturnique
 orgia Bacchi
 discerptum latos iuuenem
 sparsere per agros.
 Tum quoque marmorea caput a
 ceruice reuolsum
 gurgite cum medio portans
 Oeagrius Hebrus
 525 uolueret, Eurydicen uox ipsa et
 frigida lingua
 ah! miseram Eurydicen anima
 fugiente uocabat;
 Eurydicen toto referebant
 flumine ripae.”

plamente as cercanias com lastimosos cantos. Nenhuma paixão, nenhum himeneu comoveram seu espírito. Solitário, ele percorria os gelos hiperbóreos, o gélido Tânaís e os campos do Ripeu nunca despojados de neve, gemendo a perda de Eurídice e o inútil favor do deus. As mulheres dos Cícones, sentindo-se desprezadas por tal devoção, durante as sagradas cerimônias e as orgias noturnas a Baco dilaceraram o jovem e espalharam seus membros pela vasta planície. Mesmo então, enquanto o Ebro Eagro, arrastando para o meio do turbilhão, levava sua cabeça arrancada do cândido pescoço, dela própria sua língua gelada, esvaindo-se a vida, chamava Eurídice: Ah! infeliz Eurídice! Eurídice, repetiam as margens ao longo de todo o rio.”

• **Nota ao texto:** A segunda parte do IV livro das *Geórgicas*, que trata da apicultura, continha, sabe-se, uma exaltação ao dileto amigo Cornélio Galo. Este, no entanto, quando governador do Egito, tendo caído em desgraça, foi forçado ao suicídio por Augusto, em 26 a. C. Virgílio, talvez a pedido do próprio imperador, achou oportuno substituir os louvores de Galo pela fábula de Orfeu e Eurídice, inserida no episódio de Aristeu.

O pastor Aristeu, tendo perdido suas colmeias, apela para sua mãe, a ninfa Cirene, no intuito de conhecer as causas de semelhante desgraça. Esta o aconselha a consultar o deus Proteu. Proteu, constringido, revela a Aristeu que a perda das colmeias é uma punição imposta pelos deuses por ter ele provocado a morte de Eurídice, mulher de Orfeu, quando a perseguia. Narra o deus, então, a descida de Orfeu aos Infernos, na tentativa de trazer Eurídice de volta. Comovidos por tamanha prova de amor, Plutão e Prosérpina consentem em restituir-lhe a esposa, mas impõem-lhe uma condição: ele seguiria à frente e ela atrás (*pone sequens*) e, enquanto caminhassem, Orfeu não poderia olhar para trás antes que o casal transpusesse os limites do império das sombras. Ao romper o trato, Orfeu perde novamente sua amada. O texto se conclui com a morte do cantor, de cuja cabeça, arrancada do corpo pelas mulheres Cícones e transportada pelas correntezas do Ebro, ressoa nas margens o eco suavíssimo do nome Eurídice.

INDEX NOMINUM

Os nomes serão apresentados na sua forma nominativa; quando adjetivos, no masculino singular.

ACTIAS ORITHYIA – *Ática Oritia*. Oritia era filha de Erecteu, antigo rei de Atenas, raptada por Bóreas que a levou para a Trácia.

AVERNVS – *Averno*, lago situado na Campânia onde os poetas colocam a entrada dos infernos; os próprios infernos.

BACCHVS – *Baco*, deus do vinho e da inspiração poética.

CERBERVS – *Cérbero*, cão monstruoso de três cabeças, guardião dos infernos.

CICONES - *Cícones*, povo da Trácia.

COCYTVS – *Cocito*, rio dos infernos.

DIS - Deus, no texto – *Plutão*, rei dos infernos.

DRYADES – *Dríades*, ninfas das florestas.

EREBVS – *Érebo*, divindade infernal, as regiões infernais.

EVMENIDES – *Eumênides*, significa as Benevolentes; no entanto, é o nome dado às Erínias. No latim, *Fúrias*.

EVRIDICE – *Eurídice*, mulher de Orfeu, morreu picada por uma serpente, ao fugir do assédio de Aristeu.

GETAE – *Getas*, povo estabelecido nas margens do Danúbio.

HEBRVS – *Ebro*, rio da Trácia, hoje Maritza.

HYPERBOREVS – *hiperbóreo*, setentrional.

IXION – *Ixião*, rei dos Lápitais, condenado por Júpiter a ser amarrado a uma roda que não cessava de girar.

LETVM – a **Morte**; **Tartara Leti**: a moradia da Morte.

MANES – *Manes*, sombra dos mortos.

OEAGRIVS – de *Eagro*, rei da Trácia e pai de Orfeu. No texto, o adjetivo pode ser sinônimo de pátrio.

ORCVS – *Orço*, divindade infernal, epíteto de Plutão.

ORPHEVS – *Orfeu*, herói antigo, poeta e músico, era filho de Eagro, rei da Trácia, e da musa Calíope. Segundo outros, de Apolo e Clio.

PANGAEA – *Pangeo*, monte da Trácia.

PHILOMELA – *Filomela*, filha de Pandíon, rei de Atenas, transformada em rouxinol; rouxinol.

PROSERPINA – *Prosérpina*, filha de Ceres, foi raptada por Plutão, que a desposou.

RHESVS MAUORTIA – *Reso*, rei da Trácia, chamada terra de Marte, pelo caráter belicoso de seu povo

RHODOPEIVS – *Rodopeio*, de Ródope, montanha da Trácia.

RIPHAEVs – *Ripeu*, dos montes Ripeus, na Cítia.

STRYMO – *Estrimão*, rio da Trácia.

STYGIVS – *Estígeo*, do Estige.

STYX – *Estige* , outro rio infernal, ou, também, fonte da Arcádia.

TAENARIVS – de *Tênaro*, promontório do Peloponeso, por extensão , dos infernos.

TANAIS – *Tânais*, ou *Tanais*, rio que separa a Europa da Ásia.

TARTARA – *Tártaro*, outro sinônimo para designar os infernos.

VESPER – *Vésper*, a tarde, estrela da tarde.